

CARACAS, VENEZUELA, 6 DE ABRIL DE 2000

A visita do Presidente do Brasil à Venezuela tem sempre uma forte dimensão amazônica. Com as ações tomadas no plano bilateral, estamos construindo condições para o desenvolvimento sustentável das regiões amazônicas de ambos os países.

Essa dimensão é ainda maior quando a visita coincide com uma reunião de Chanceleres do TCA. Por isso, quero aproveitar esta oportunidade para dizer algumas palavras sobre as perspectivas extraordinárias que identifico no sistema de cooperação amazônica e em sua inserção na América do Sul.

Antes, desejo expressar meu reconhecimento ao Presidente Chávez e ao Governo venezuelano, em particular ao Chanceler José Vicente Rangel e ao Embaixador Victor Carazo, pelo excelente trabalho realizado à frente da Secretaria Pro-Tempore do TCA.

A Amazônia sempre foi um desafio. Quem a conhece sabe do fascínio que exerce. Quem a estuda sabe da sua riqueza. E quem acompanha sua história sabe que, durante muito tempo, foi objeto de um desconhecimento tão vasto quanto as suas florestas.

Basta pensar um pouco sobre as características da Amazônia para entender que as transformações do nosso tempo a afetam e continuarão a afetá-la de forma sem precedentes. Talvez a mudança mais importante, para a qual muito contribuiu o TCA, tenha sido a consolidação irreversível de uma consciência ambiental.

Hoje estamos convencidos de que a única forma de desenvolvimento que nos interessa é a sustentável, aquela que se faz mediante a utilização racional dos recursos naturais, através de uma integração inteligente entre o ser humano e a natureza. Hoje, a democracia em nossos países permite que as populações amazônicas façam ouvir sua voz, seus anseios.

Isso coloca na ordem do dia a questão da segurança pública nas áreas mais afastadas, o combate à corrupção e às atividades ilícitas, como o narcotráfico, o contrabando ou a mineração ilegal; impõe a necessidade de proteção especial às comunidades indígenas.

A Amazônia não está à margem dos grandes processos de inovação tecnológica que hoje transformam a economia e as relações sociais em escala global. Encurtaram-se as distâncias. Rompeu-se o silêncio do isolamento, a solidão das pequenas cidades afastadas dos grandes centros.

Os avanços nas comunicações, a informática e a Internet não conhecem os obstáculos da geografia; ampliam, a proporções antes impensáveis, o acesso à informação. Se para quem vive nas grandes cidades isso já representa uma mudança extraordinária, para quem vive nas grandes distâncias amazônicas essas transformações têm o potencial de uma autêntica revolução.

Na área de segurança e de proteção da Amazônia, a informação é essencial. Os sistemas Sivam e Sipam – que estão sendo implementados pelo Governo brasileiro – partem dessa premissa para montar uma rede de comunicação e de presença moderna do Estado na região amazônica.

A biotecnologia, por outro lado, traz a Amazônia para o centro dos debates. Nenhuma região do mundo é mais rica em biodiversidade, mas não me alongarei no pormenor desses temas, que abrem um vasto horizonte de potencialidades à região.

Desejo apenas sublinhar a importância do momento atual para a Amazônia e seu sistema de cooperação internacional. O TCA reflete as realidades e os desafios da integração. E quando falo de integração, não tenho em mente apenas os aspectos comerciais. Penso igualmente – o que às vezes é até mais importante – nas iniciativas de integração física, de energia, transportes ou comunicações. Na relação entre a integração comercial e a integração física há sempre a ameaça de um círculo vicioso que leva à estagnação e ao atraso. Não se faz a estrada porque não há comércio. E não se desenvolve o comércio porque não existe estrada. Por essa lógica, nada se faria jamais.

Há tempos que aprendemos a cortar esse nó górdio. Aprendemos que é preciso enxergar o desenvolvimento em sua correta expressão geográfica; que é necessário ir além da mera definição de pólos de irradiação, como se fazia no passado.

No Brasil, o Governo procedeu a um esforço de estudo e planejamento que resultou em um grande programa plurianual de investimentos, o Avança Brasil.

Esse programa procura traçar os principais eixos de integração e desenvolvimento capazes de assegurar a infra-estrutura necessária para o crescimento econômico com justiça social.

Na Amazônia, identificamos dois eixos principais. O “Arco Norte”, incluindo os Estados de Roraima e Amapá, e o “Madeira–Amazonas”. Ambos são compostos de projetos cuja dimensão internacional é da maior importância.

É assim no caso do Gasoduto Bolívia–Brasil, na Linha de Transmissão Elétrica entre Guri e Boa Vista ou nos diversos projetos de interligação viária com nossos vizinhos. Estou convencido de que o desenho desses novos eixos de desenvolvimento e de integração, desses novos vetores de dinamismo econômico, deve ser necessariamente pensado em escala regional – sul-americana, mas também amazônica – e não apenas nacional. É preciso entender que, nas condições da nova economia, o desenvolvimento não pode parar na fronteira. Já não se pode pensá-lo sem uma perspectiva regional. Estamos construindo uma nova matriz energética regional e redesenhando a geo-

grafia econômica da América do Sul. Isso reforça a identidade sul-americana. Reforça também a idéia – que é central em todos esses projetos – de que a articulação de um espaço compartilhado de prosperidade na América do Sul só terá êxito se levar em conta a diversidade e a especificidade das várias sub-regiões que compõem a riqueza e a complexidade de nossa região.

A identidade sul-americana é uma identidade múltipla. É amazônica, andina, platense, caribenha, voltada tanto para o Pacífico quanto para o Atlântico. Uma vertente não exclui a outra, e em todas elas a vocação da América do Sul é a de integrar-se cada vez mais; integrar-se, aproximando cada vez mais nossos países e desdobrando-se em diferentes espaços de cooperação; integrar-se, para atuar no mundo globalizado.

Essa é uma geometria variável cuja flexibilidade, sem dúvida, nos trará benefícios.

Cada sub-região tem sua agenda própria, suas preocupações e aspirações específicas. Ao mesmo tempo, as prioridades de cada uma se desenham em uma perspectiva que é a da região como um todo.

Na Amazônia, as prioridades são nítidas e os caminhos estão traçados. Em seus mais de 22 anos de existência, o TCA propiciou, como já disse, avanços pioneiros na área de proteção ambiental. Mas o que julgo importante ressaltar aqui é o seguinte: as condições geográficas da Amazônia tornam imprescindível o fortalecimento da presença do Estado, inclusive nas áreas mais remotas, para assegurar o respeito à lei e a segurança dos cidadãos.

Estamos fazendo isso com ações eficazes para combater e prevenir atividades ilegais, em especial aquelas ligadas ao crime organizado. Uma América do Sul livre, democrática e próspera não pode conviver com áreas de banditismo e de ilegalidade. O combate a esses males exige cooperação internacional. E exige que seja eficaz, mais eficaz do que as atividades transnacionais daqueles que lucram com o crime.

A Amazônia tem preocupações próprias na área da saúde, da educação, da ciência e da tecnologia. Tem preocupações próprias – e muito importantes – ao cuidar das populações indígenas, que neces-

sitam atenção especial do Estado. Tem um potencial único no desenvolvimento do turismo. Em todas essas áreas, é indispensável a coordenação de políticas para objetivos comuns.

Por isso estamos trabalhando para fortalecer o TCA, para efetivar a criação da nova organização – a Organização do Tratado de Cooperação Amazônica –, que dará maior peso institucional ao Tratado e reforçará a credibilidade de nossas iniciativas, inclusive na obtenção de recursos financeiros em outras regiões.

A instalação efetiva da Secretaria Permanente será um passo histórico. Um TCA mais forte é de interesse de todos nós. A grandiosidade da geografia amazônica colocou-nos lado a lado em uma parceria multilateral enraizada na própria natureza, nas características próprias do ecossistema que compartilhamos.

As comunidades da região esperam muito de nós. Temos a responsabilidade histórica de fazer o que é necessário para responder a essas expectativas. Vamos fazê-lo. E vamos fazê-lo juntos.

O século XX conheceu o despertar da consciência ambiental e o maior clamor por justiça social e pela melhoria das condições de vida das populações amazônicas. O século XXI conhecerá a realização concreta desses objetivos, assegurada pela vitalidade de nossos sistemas democráticos.

O que daí resultar será uma Amazônia mais próspera, mais justa e que dará ao mundo um exemplo de sustentabilidade no desenvolvimento e de êxito na cooperação entre países irmãos.

Muito obrigado.

